

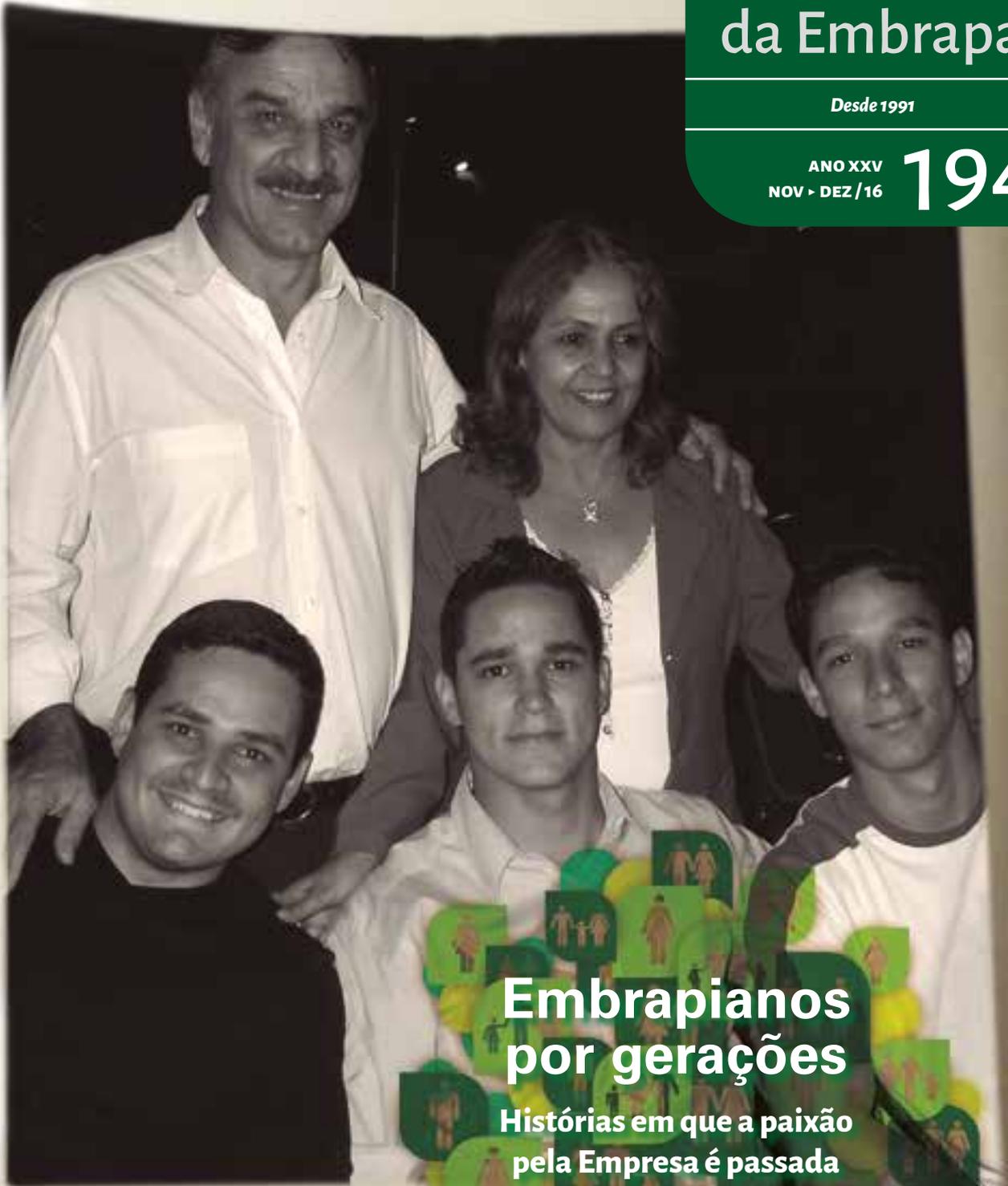
# Folha da Embrapa

Desde 1991

ANO XXV  
NOV ▸ DEZ /16

# 194

Arquivo Pessoal / Adaptado



## Embrapianos por gerações

Histórias em que a paixão  
pela Empresa é passada  
de pais para filhos » 10

Família Molina: os três filhos seguiram a trilha  
dos pais e vieram trabalhar na Empresa.

Confira: entrevista com o Ministro Blairo Maggi » 03

**Campos Experimentais » 06**  
Onde cresce a pesquisa

**Embrapa**

MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA, PECUÁRIA  
E ABASTECIMENTO

**BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL

**A** última edição de 2016 da Folha da Embrapa está repleta de histórias que exemplificam boas relações, bons hábitos, boas ações, bons sentimentos, e bons resultados.

As boas relações da Empresa com seus empregados fizeram com que filhos de muitos desses empregados optassem pelo ingresso na instituição, alguns seguindo até mesmo a mesma trilha profissional de seus pais. E, para além dos laços familiares e profissionais, os Molinas são literalmente uma família embrapiana. Confira na matéria de capa (pág. 10 a 14).

Bons sentimentos proporcionados pela rotina das equipes que trabalham nos Campos Experimentais. De norte a sul do País, elas são responsáveis por uma parte importante das pesquisas conduzidas nas Unidades Descentralizadas (pág. 6 a 9).

Os bons resultados, como os obtidos pela equipe responsável pelo IrrigaWeb, com mais de 1.500 pessoas capacitadas em todo o território nacional no uso e manejo de irrigação, por meio de uma plataforma de Ensino a Distância (pág. 16 e 17). E da Revista PAB, que completou 50 anos, e se consolida como um dos periódicos científicos mais conceituados da área de Ciências Agrárias do Brasil (pág. 18).

As boas ações, como a adesão à campanha de cadastro para doação voluntária de medula óssea por mais de 30 colegas da Embrapa Agrossilvipastoril (pág. 15), e o plantio de um pomar proposto pela mesma Unidade, que se transformou em lugar de descanso e ensino (pág. 19).

Por fim, os bons momentos, como o promovido pela Embrapa Meio-Norte, que reuniu os familiares, numa edição especial do Embrapa & Escola, com direito ao Bee-Go, um jogo que animou crianças e adolescentes, que, por sua vez, se aventuraram na cozinha, no concurso Mestre-Cuca Júnior (pág. 20).

Boa leitura e um excelente 2017!!

—Os editores

**ERRATA** | Na edição 193, na reportagem "Tecnologia na mesa", no item que fala sobre a expansão da fruticultura (página 11), há uma informação equivocada de que o Brasil é o maior produtor mundial de abacaxi. De acordo com os últimos dados divulgados pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), que são de 2013, o Brasil é o segundo maior produtor dessa fruta.

## EXPEDIENTE

Folha da Embrapa é uma publicação editada pela Secretaria de Comunicação (Secom) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

**Presidente**  
Maurício Lopes

**Diretores**  
Ladislau Martin Neto  
Vania Castiglioni  
Waldir Stumpf

**Chefe da Secretaria de Comunicação**  
Gilceana Soares Moreira Galerani

**Coordenador de Comunicação Digital**  
Daniel Nascimento Medeiros  
**Coordenador de Comunicação em Ciência e Tecnologia**  
Jorge Duarte

**Coordenadora de Comunicação Institucional**  
Heloiza Dias da Silva  
**Coordenador de Comunicação Mercadológica**  
Robinson Cipriano

**Editora-Executiva**  
Rose Lane César · MTb 2978/13/74/DF  
rose.cesar@embrapa.br

**Projeto Gráfico**  
André Scofano  
**Editoração Eletrônica**  
Bruno Imbroisi e André Scofano

**Revisão**  
Marcela Esteves e Mariana Medeiros

**Impressão**  
Embrapa Informação Tecnológica · (61) 3349 6530  
2.000 exemplares

Parque Estação Biológica s/nº Edifício Sede  
CEP 70.770-901 · Brasília-DF  
Fone (61) 3448 4834 · Fax (61) 3347 4860  
www.embrapa.br

A Folha da Embrapa respeita os direitos autorais. Caso alguma imagem não tenha sido devidamente creditada, entre em contato conosco.

## Participe da Folha da Embrapa

### Pelo Malote

Editora-executiva da Folha da Embrapa  
Secretaria de Comunicação (Secom) Sala 212  
Sede da Embrapa

### Por e-mail

folhadaembrapa@embrapa.br

Se você não quer mais receber a versão impressa da Folha da Embrapa, entre em contato pelo e-mail folhadaembrapa@embrapa.br



### Acesse a edição digital

Baixe o aplicativo QR Code no seu celular e fotografe o código ao lado

# Embrapa é "cartão de visita" do Brasil

**E**m recentes viagens ao exterior, o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Blairo Maggi, tem inserido o presidente da Embrapa em sua comitiva, por entender que a Empresa é um importante elemento nas negociações internacionais. Em entrevista à Folha da Embrapa, ele fala sobre como a Embrapa deve estabelecer suas relações internacionais e como está inserida nas estratégias de Governo.

**Folha da Embrapa:** O Brasil tem sido reconhecido nas últimas décadas como grande provedor de alimentos. Diante da globalização e do aumento da competição, como o senhor vê a participação da Embrapa nas redes internacionais de pesquisa?

**Blairo Maggi:** É importante a Embrapa sempre estabelecer parcerias com instituições internacionais, participar de fóruns de discussão e de redes de pesquisa. Ultimamente, tenho feito algumas observações sobre o fato de a Embrapa ser detentora de muito conhecimento, principalmente em agricultura tropical. E isso custou muitos recursos ao Brasil nesses últimos 40 anos desde que a Embrapa foi formada. Por isso, destaco que o Brasil pode e deve participar dessas redes, compartilhando conhecimento pelo mundo, porém, faço uma ressalva: o Brasil não pode ou não deve fazer isso gratuitamente para países que queiram desenvolver suas agriculturas nos trópicos e de forma sustentável, como nós fizemos. Então a troca de informações e a parceria com outros países mundo afora pode nos dar essa possibilidade de negociação: tenho algo para te dar, mas quero receber outra coisa de volta, ou em abertura de mercado, ou em troca de conhecimento. A Embrapa tem que estar muito atenta a este tipo de situação e não entregar o patrimônio brasileiro, que é o conhecimento, de graça para o resto do mundo.

**FE:** O Brasil tem vantagens comparativas em relação aos outros países, e em relação à bioeconomia, que é a grande biodiversidade de recursos naturais, além da capacidade em pesquisa. Na sua visão, quais seriam os desafios prioritários para que consigamos protagonismo nesse contexto da bioeconomia?



**BM:** O Brasil conta com uma das agriculturas com maior biodiversidade e nós temos que continuar nos debruçando sobre isso. Acho que somos uma grande promessa, temos um grande potencial. Agora, potencial só não resolve, nós temos que ter conhecimento científico, estudos, pesquisas, e esse é o papel da Embrapa. Há centenas de pesquisadores no Brasil fazendo pesquisa dentro dessas redes que foram aí colocadas (pergunta 1). Certamente outras instituições fazem pesquisas com recursos naturais do Brasil, então precisamos trabalhar, ver se tudo isso que temos de biodiversidade pode se transformar em benefício para a população brasileira.

**FE:** Com base na sua viagem à Ásia e na inserção da agricultura brasileira e dos produtos brasileiros lá fora, qual sua visão sobre uma melhor ação conjunta entre a Embrapa e a iniciativa privada nacional desativando os canais de aproximação entre esses dois segmentos, com vistas a utilizar melhor os resultados de pesquisa agropecuária para aumentar a competitividade dos produtos?

**BM:** Nas viagens que faço, tenho sempre procurado levar o presidente da Embrapa junto porque a Embrapa é um cartão de visitas importante do Brasil. Em todos os países por onde eu vou, sempre há a intenção e a vontade de ter um encontro com a Embrapa, a possibilidade de a Embrapa poder ajudá-los a desenvolver algumas tecnologias. Então, mais uma vez, o que a Embrapa possui nos ajuda em tudo, inclusive a abrir esse mercado. Nos ajuda a participar mundo afora da venda dos nossos produtos. Quero, cada vez mais, que o Brasil tenha uma inserção no mercado internacional, e a Embrapa não está dissociada disso. Ela faz parte do Brasil, ela ajudou a construir esse Brasil gigante na agricultura que nós temos e tem seu papel também nas relações com esses países. ♣



Giselle Rosso

## Balde Cheio terá projeto em rede

← | O projeto "Balde Cheio em Rede", envolvendo 18 Unidades, foi submetido ao Macroprograma 4, no último edital do Sistema Embrapa de Gestão (SEG) em 2016. Dessa forma, o "Balde Cheio" deixará de ser liderado por uma Unidade da Embrapa para se tornar um programa corporativo, englobando outras Unidades que têm afinidade com o tema. Esse redimensionamento ampliará as ações do projeto, permitindo maior aporte de recursos, tanto da Embrapa como de órgãos parceiros, o que possibilitará a ampliação do número de produtores assistidos. O projeto Balde Cheio é hoje referência em capacitação de profissionais da assistência técnica e de produtores de leite e está presente em 395 municípios de 11 estados brasileiros.

## TIFOI: Pioneirismo do Brasil

A Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia lançou uma tecnologia denominada transferência intrafolicular de ovócitos imaturos (TIFOI). Trata-se de uma biotécnica que apresenta todas as vantagens da fecundação *in vitro* (FIV) com um benefício adicional: o fato de não precisar de laboratório para ser realizada. O processo todo é feito dentro do próprio animal. Grosso modo, a vaca é o laboratório. Os óvulos são aspirados da mesma maneira que na FIV, mas, em vez de maturados em laboratório, são cultivados dentro do corpo de um animal (ovuladora), aproveitando seu processo reprodutivo natural. Depois da ovulação, os óvulos são fecundados por inseminação artificial (IA)

O Brasil é o primeiro país a obter êxito no desenvolvimento e aplicação da TIFOI de maneira completa. Há apenas um relato de sucesso no uso da técnica na Alemanha. No entanto, o experimento europeu utilizou laboratório no decorrer do processo, o que torna o resultado incompleto. O desenvolvimento da TIFOI brasileira já resultou no nascimento de três bezerras na Fazenda Sucupira, campo experimental da Embrapa em Brasília (DF).

## De importador a exportador de trigo

O principal ingrediente do pãozinho francês pode ser produzido em abundância no Brasil. Somente no Centro-Oeste, novas fronteiras para o trigo poderiam resultar em 24,9 milhões de toneladas do cereal, volume que representa o dobro do atual consumo interno. Isso faria o País passar de importador a exportador de trigo. Foi o que indicou estudo realizado por pesquisadores da Embrapa Trigo (RS) e Embrapa Gestão Territorial (SP), que projetaram quatro diferentes cenários para a produção nacional de trigo, considerando regiões para onde a cultura poderia se expandir.. ↓ |



iStock



## 14ª edição da revista XXI

|<| A 14ª edição da revista XXI Ciência para a vida já está disponível na internet. A reportagem de capa é ótima notícia para a pecuária brasileira. Cientistas descobriram que a atividade emite menos gases de efeito estufa do que estimado. Outra boa notícia para o setor é uma nanocápsula que ajuda a combater a mastite bovina.

Efeitos das mudanças climáticas sobre o cafeeiro arábico, a história de um pesquisador movido pela inquietação e uma reportagem sobre a Caatinga, ilustrada pela designer Luciana Fernandes, estão também na edição.

Na entrevista, o cientista-chefe da IBM, Fábio Gandour, fala sobre a revolução digital que move o mundo atual. E o artigo é do editor da revista Pesquisa Agropecuária Brasileira, a PAB, que completou 50 anos. Confira!

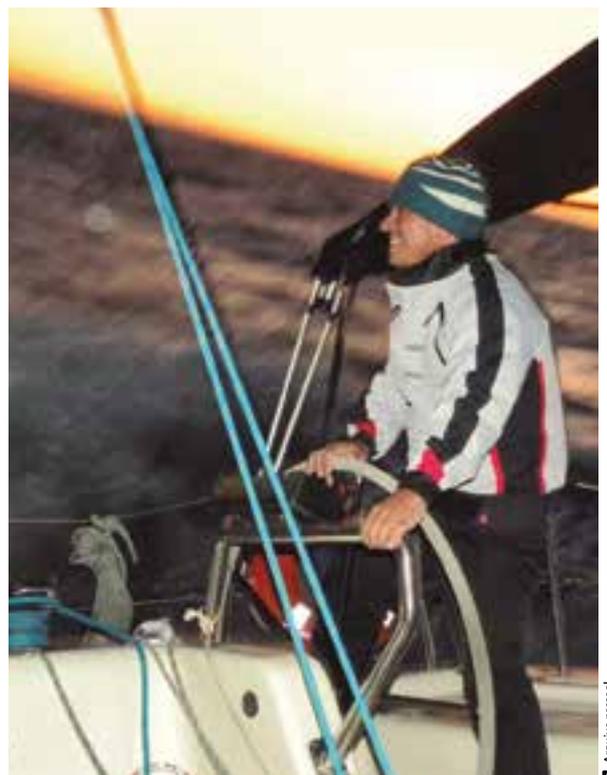
Acesse a edição no link abaixo:

[www.embrapa.br/xxi-ciencia-para-a-vida/edicao-atual](http://www.embrapa.br/xxi-ciencia-para-a-vida/edicao-atual)

## De veleiro, da África do Sul para a Baía de Guanabara

O pesquisador da Embrapa Solos (RJ) Silvio Bhering vai iniciar o ano com um superdesafio: atravessar o Oceano Atlântico saindo da Cidade do Cabo (África do Sul) em direção à capital fluminense, na regata Cape2Rio, num total, em linha reta, de mais de 6.500 km. Como barcos a vela não navegam em linha reta, necessitando serem manobrados em busca de posições mais favoráveis de vento, clima e mar, a estimativa é de que os veleiros poderão percorrer até de 9.000 km para concluírem o trajeto.

A bordo do veleiro Saravah, Silvio está consciente do tamanho da tarefa: “numa regata como essa, o convívio a bordo, em uma área reduzida, durante mais de 20 dias, alguns dos quais sobre severas condições de vento e mar, exige muita habilidade, técnica náutica, organização e disciplina. É um grande exercício de relacionamento, trabalho em equipe, confiança mútua e liderança”, revela o pesquisador. |>|



# O lugar onde a pesquisa cresce

Grande parte das Unidades Descentralizadas possui equipes dedicadas à implantação e trato de experimentos de acordo com sua programação de pesquisas. Vamos conhecer a rotina de alguns desses colegas, em diferentes regiões do País.

**A** difícil tarefa de conciliar a conservação dos 840 hectares de Floresta Amazônica com os experimentos e os cultivos na área da Embrapa Acre é o desafio dos 38 empregados que atuam no Setor de Campo Experimental da Unidade. A equipe é multidisciplinar com engenheiros florestais, agrícolas e agrônomos, médicos-veterinários, entre outros profissionais. A equipe conta ainda com três mateiros, pessoas que conseguem se orientar na floresta, e dois deles fazem identificação botânica, uma atividade que corre o risco de desaparecer, pois as principais técnicas são de conhecimento tradicional.

Escalar árvores é outra atividade da equipe, tarefa executada há cerca de 10 anos pelo assistente de pesquisa Aldecir Oliveira para coleta de sementes, frutos e folhas. Ele afirma que a atividade requer profissionalismo, atenção e coragem. "É preciso conhecer as técnicas a fim de garantir resultados efetivos para a pesquisa e para a segurança do coletor", afirma.

A rotina é intensa. Logo cedo, as



Aldecir Oliveira coletando sementes

equipes se dividem e a movimentação de caminhonetes, caminhão e tratores rumo ao campo é grande. O setor é ainda responsável pela área de transporte da Unidade e alguns colaboradores foram capacitados para operar os implementos agrícolas e dirigir os ônibus que transportam os empregados.

"Além de todo o trabalho do dia a dia, conseguimos desenvolver o Sistema de Apoio à Gestão de Campo Expe-

rimental, o Sistema SCE, que permitiu reunir, organizar, otimizar e assegurar os dados, apoiando as tomadas de decisões da gestão", afirma o supervisor do setor, Hudson Nardi. *Colaboração: Priscila Viudes*

A rotina no campo experimental na Embrapa Agrobiologia também começa cedo para Alderi Ferreira, Edilson Oliveira, Edvaldo Alves, Eugênio Filho, Fredson Militão, José Pedro, Josias Fonseca, Luciano Vitorino, Oseas Vieira, Paulo Libano, Silvio Almeida, Ubirajara Menezes e Ivana Vieira. As tarefas, ali no Terraço, são divididas igualmente. Todos fazem um pouco de tudo: roçar, capinar, plantar, colher, regar.



José Pedro de Oliveira regando experimentos

Liliane Bello



Paulo Libano ajuda a cuidar dos 400 ha do Terraço

“Há mais de 30 anos que faço este serviço aqui na Embrapa. E na Fazendainha faço plantão no sábado e no domingo, trabalhando na horta, cuidando das galinhas. Gosto muito de trabalhar aqui”, conta o assistente José Pedro de Oliveira. “Aqui é uma tranquilidade”, completa o assistente Ubirajara Menezes, se referindo ao contraste com a cidade.

Ao todo, 27 experimentos ocupam os cerca de 400 hectares do Terraço – sendo 22 experimentos em geral, quatro bancos de germoplasma e uma unidade demonstrativa. “Nossa rotina é intensa. Envolve o preparo do solo, a instalação de experimentos e a manutenção, que é a capina, a irrigação e a adubação, quando essa prática for requerida, além dos cuidados com a fazenda propriamente ditos, como troca de moirão, reparos na cerca, jardinagem, poda de árvores, corte da grama”, explica o supervisor do Terraço e das casas de vegetação, Alderi Ferreira.

“Aqui plantamos o que eu chamo de agroenergia”, ilustra o assistente Josias da Fonseca, empregado desde 2004. Para ele, o gosto pela lida com a terra compensa o trabalho árduo. “Faço

o que eu gosto aqui e também faço roça na minha casa, em Magé. Planto aipim, batata-doce, pimentão”, conta, orgulhoso.

A menos de dois quilômetros do Prédio Sede, o Terraço soma uma diversidade significativa de experimentos. “Sem a presença dos empregados do campo, ajudando na montagem dos experimentos e dando suporte de preparo de área, a gente não conseguiria fazer nada”, ressalta o pesquisador Bruno Alves.

“Os experimentos são bem trabalhosos e a atividade desses colegas é essencial se a gente realmente quiser sair do laboratório e ver como as pesquisas se comportam na prática”, destaca a pesquisadora Norma Rumjanek. “Além disso, a gente aprende muito, pois eles têm muita experiência e conhecem muito bem as condições de campo daqui.” *Colaboração: Liliane Bello*

Cinco mulheres trabalham nos campos experimentais e no manejo animal da **Embrapa Pecuária Sudeste**. Elas representam 10,4% dos 48 empregados que atuam na área. A maior parte (67%) destes colegas têm acima de 50 anos e possuem o ensino médio (60,4%).

Os que trabalham no manejo animal são responsáveis pela coleta, tratamento

e armazenamento de dados dos animais utilizados em pesquisas. Eles planejam e executam a manutenção dos rebanhos de equinos, ovinos e bovinos de corte e leite da Unidade. Já nos campos experimentais, são implantados e conduzidos experimentos de acordo com os planos de ação em andamento. São encarregados ainda pela manutenção de máquinas e equipamentos agrícolas.

O assistente Luiz Carlos Ferreira, conhecido como Carlão, está há 28 anos na Unidade. Hoje, nos campos experimentais, ele chega diariamente às 7 horas, pega o trator com a carreta e vai alimentar os cerca de 100 animais que ficam no confinamento. “Eu carrego a silagem manualmente na carreta, levo à fábrica de ração, misturo e depois vou tratar o gado. São 10 viagens ao dia. Em toda viagem é esse procedimento, haja chuva ou sol, seja sábado ou domingo. Não pode parar, os animais precisam comer”, conta.



Gustavo Poppino



Da esquerda para a direita: Edilson Pedro de Oliveira, Eugenio José Ferreira Filho e Paulo Roberto Libano



Luiz Carlos, o Carlão, no trato do gado

© Gisele Rosso

Carlão segue as formulações e pesos à risca. “Eu tenho que seguir a fórmula que mandam. Se tiver que pôr mil quilos, eu coloco e dou o retorno para o pesquisador para ele calcular as médias. Eu tenho a responsabilidade, e o pesquisador acredita em mim”, explica. Outra preocupação são os bebedouros. Se estiverem sujos, os bois não bebem água, e se não bebem água, eles não comem, o que se reflete diretamente no desempenho e peso dos animais.

Maria José Galdino (foto ao lado), 54 anos, trabalha desde 1994 na Unidade. Há 10 anos, cuida dos ovinos. Ela acompanha todo o desenvolvimento dos cordeiros. “O que eu nunca fiz foi acompanhar o abate. A gente cria um vínculo muito forte com os bichinhos. Quando é época de abate, a gente sofre”, diz. Mas o sofrimento não é só no abate. Ela conta que, quando há partos difíceis, pede para Nossa Senhora do Bom Parto ajudar para que a ovelhinha tenha força.

Para ela, a melhor parte do trabalho é na época de nascimentos dos cordeiros. No último período de nascimentos, a mamadeira era dada para 47 filhotes. A média era de 40 litros de leite por dia. Maria também ajuda na aplicação das vacinas e faz curativos.

Durante três meses por ano, ela fica no confinamento dos ovinos. Ali o trabalho é um pouco diferente. Pela manhã, o primeiro serviço é tirar a sobra de comida dos cochos, que são pesadas individualmente e registradas para um dos projetos de pesquisa. Depois de distribuir comida para todos os animais, é hora de lavar os bebedouros e manter o local em ordem.

Responsável também pelo bem-estar dos animais, ela diz ficar atenta a todos os sinais. “Olho cordeiro por cordeiro. Se estão com diarreia, tosse ou qualquer outro problema. Tem que ter olho clínico para ver como eles estão”, explica. ♡

Colaboração: Gisele Rosso



© Gisele Rosso



Equipe do Campo Experimental Betume (Neópolis Leste - Sergipe). Da esquerda para a direita: Jose Lima, Jorge Santos, Eivaldo Ferreira, João Freire e Gileno Santos

entre técnicos e assistentes, e prestadores de serviço.

Nos campos experimentais são desenvolvidas pesquisas nas áreas animal – ovino e bovino – e vegetal que contemplam diversas culturas. Os campos experimentais são espaços utilizados também para realização de eventos de transferência de tecnologia e de interação e troca de conhecimentos. Eles são divididos em sul e norte sob a coordenação de dois supervisores, que estão subordinados à Chefia-Adjunta de Administração. “Somos responsáveis pela infraestrutura do campo e por proporcionar as condições para a implantação e realização das pesquisas”, conta a chefe-adjunta Aline Moura.

Por se localizar na zona rural, alguns colegas optam por passar a semana nos campos experimentais. Esse é o caso do técnico em agropecuária Ítalo Vidal, que trabalha em Frei Paulo. O colega levanta antes das 6 horas da manhã e se prepara para enfrentar o dia de trabalho, que fica ali mesmo, a poucos metros do alojamento.

A primeira atividade é o manejo dos ovinos que fazem parte do Núcleo de Conservação da Raça Santa Inês, traba-

lho realizado com o apoio dos colegas. Após o cuidado dos animais, é hora de verificar a demanda da área de pesquisa. “Cabe ao técnico o contato direto com o pesquisador para relatar os experimentos, as informações que devem ser observadas, os dados a serem coletados entre outras questões. Em seguida entram os assistentes e prestadores de serviço”, conta Ítalo, ressaltando a importância do trabalho em equipe.

Outra atividade exercida pelos colegas é a manutenção do campo. “Cuidamos da conservação das pastagens, das cercas, limpamos as instalações e damos uma geral”, diz Ítalo, que só lamenta a distância da família durante a semana, já que mora em Aracaju. “Eu tenho um caso de amor com a Embrapa e sei como meu trabalho e o da equipe

são importantes para alimentar o mundo”, conclui. ♦ *Colaboração: Gislene Alencar* ♦



Em pé: José Paulo de Andrade e Antonio Paulo dos Santos. Agachados: Hymerson Azevedo (Campo Experimental Frei Paulo).



Em pé: Eivaldo Morais. Sentados: Antônio Nascimento e Manoel Messias (Campo Experimental Itaporanga).

# Embrapianos por gerações

Trazemos conosco de nossos pais a herança genética, a educação dada, valores e até mesmo hobbies. Mas alguns de nós herdaram também a paixão e o orgulho pela Embrapa. Conheça histórias de colegas cuja relação com a Empresa é uma herança de família.



## Paixão que ultrapassa gerações

A relações públicas e supervisora do NCO da **Embrapa Agropecuária Oeste (MS)**, Clarice Zanoni Fontes, está há 36 anos na Embrapa. Ela se lembra com alegria da época em que vinha trabalhar com um barrigão enorme, quando estava grávida de gêmeos. Um desses bebês, que nasceu em 1984, é Rafael Zanoni Fontes. Há dois anos e meio trabalhando no Departamento de Gestão de Pessoas (DGP), em Brasília (DF), Rafael conta que a Embrapa sempre esteve intimamente ligada à sua vida e à de sua família. “A admiração pela Embrapa vem desde a infância, pois vivenciava o envolvimento e a paixão de minha mãe pela instituição. Hoje, como empregado da Embrapa, longe de minha esposa, familiares e amigos, entendendo ainda mais a paixão que minha mãe tem pela Empresa”, diz Rafael. ✦ *Colaboração Christiane Congro Comas*



© Jose Roberto Fontes

## Tal mãe, tal filha

Quando Camilla Oliveira nasceu, Marina já trabalhava na Embrapa Sede no então Departamento de Informação e Documentação (DID). Depois de 17 anos na Sede, Marina se transferiu para a Embrapa Arroz e Feijão em Goiânia (GO). Incentivada pela mãe, Camilla prestou concurso para a Embrapa e, em 2005, iniciou suas atividades na mesma Unidade da cidade goiana. Como a formação acadêmica das duas é em Letras, os caminhos na Embrapa também foram seguindo o mesmo curso. Embora não tivessem uma formação específica em comunicação, acabaram se realizando nesta área, em que exerceram, em épocas distintas, a supervisão do setor. Marina hoje se encontra aposentada, e Camilla na **Embrapa Algodão (PB)**. ✦ *Colaboração: Camila Oliveira*



© Arquivo Pessoal



## Tal pai, tal filho

Eles são biólogos e trabalham juntos no laboratório que abriga a coleção entomológica da **Embrapa Cerrados** (DF) há sete anos. Desde criança, o técnico Willian Rogers de Camargo segue os passos do pai, o analista Amabilio José de Camargo. “Meu irmão e eu crescemos vendo-o fazer graduação, mestrado, trabalhar no campo e com dados de pesquisa. Quando chegou a hora de escolher a profissão, já sabíamos que seria na área científica”, diz Willian, hoje bacharel em Ciências Biológicas e mestre em Zoologia pela Universidade de Brasília.

Mas trabalhar na Embrapa – e logo com o pai – “foi meio que por acidente”, diz o técnico. A mãe, Marinalva Ferreira, também é empregada da Empresa, no Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento. Willian ainda iniciava a graduação quando foi aprovado no concurso. Admitido na Unidade em 2005, foi designado para o laboratório de microbiologia do solo, onde atuou por cerca de três anos.

“Quando meu pai retornou do doutorado, precisou de alguém para ajudá-lo na coleção entomológica. Na época, outros colegas foram procurados”, conta. Mas pouco tempo depois, o colega que auxiliava Amabilio deixou a Empresa. “Naquele momento, eu já estava graduado e era a única pessoa da Unidade com conhecimento para desempenhar atividades na área. Conheço a coleção desde que nasci, praticamente. Então, as coisas foram acontecendo”, lembra.

Willian afirma nunca ter tido problemas profissionais com Amabilio por causa da relação familiar, e revela planos para o futuro: “Adoro trabalhar aqui. Penso em prestar concurso para analista e assumir a coleção quando meu pai se aposentar. Meu mestrado foi voltado para a Entomologia, estudei a morfologia de Sphingidae, uma das famílias de insetos que investigamos”, explica.

Amabilio conta que ele e o filho não misturam questões familiares com o trabalho. “Resolvemos isso muito bem. Sou o responsável pelo laboratório e aqui somos uma equipe focada nas metas que precisamos ser cumpridas”, garante o analista. *Colaboração: Breno Lobato*

## Na mesma trilha

“Aos olhos de duas crianças curiosas, a agronomia parecia a profissão mais deslumbrante de todas e trabalhar na Embrapa também passou a ser um sonho”, conta a pesquisadora da **Embrapa Produtos e Mercado** (DF), Keize Junqueira (34 anos), filha do pesquisador da **Embrapa Cerrados** (DF), o agrônomo Nilton Junqueira. Além de Keize, também trabalha na Embrapa a filha do meio, Lívia Junqueira (32 anos), analista da Embrapa Produtos e Mercado. As duas irmãs são engenheiras-agrônomas, e a caçula das três, Tassiane Junqueira (22 anos), está cursando geologia. “Sei que exerci influência sobre elas, mas foi tudo muito natural”, contou o pesquisador Nilton Junqueira, que ingressou na Embrapa em 1979. A companhia das filhas nas atividades de campo era comum. “Eu sempre apresentava para elas as plantas, os insetos, dizia quais frutos eram comestíveis, explicava o porquê dos nomes científicos. Elas sempre foram muito curiosas e me questionavam muito”, relembra.

O pesquisador Nilton Junqueira também recorda que o crescimento da Embrapa ao longo dos anos e o aumento de sua visibilidade junto à sociedade também foi fator decisivo para que as jovens se interessassem em ingressar no quadro de empregados da Empresa. “Realizar ‘pesquisas’ em um microscópio amarelo de plástico era uma de nossas brincadeiras. Crescemos tendo nosso pai como exemplo, e o



seu amor e dedicação pela profissão e pela Embrapa nos fez buscar o mesmo caminho. Trilhar os rumos dele foi inevitável”, completa Keize.

*Colaboração: Juliana Caldas*



Lívia, Nilton e Keize Junqueira



Fátima, Alexandre, Guilherme, Dejour e Renato Molina

Arquivo Pessoal

## Literalmente uma família embrapiana

Dejour Molina ingressou na Embrapa no ano de sua criação, em 1973. Formado em Administração de Empresas, atuou no antigo Serviço de Produção de Sementes Básicas (SPSB), até sua aposentadoria em 2009. Como gerente administrativo da Unidade, deixou um grande legado para a Empresa, mas nada comparado ao fato de toda a sua família ser literalmente embrapiana.

Sua esposa, Fátima Molina, ingressou em 1998, como técnica do atual **Departamento de Gestão de Pessoas** (DGP), onde trabalha até hoje. Depois vieram os três filhos. O primeiro foi o analista de sistemas, Guilherme Molina, do **Departamento de Tecnologia da Informação** (DTI). Dois anos mais tarde, foi a vez de Alexandre Molina, também analista de Sistemas de Informação, e... também do DTI. O mais velho dos irmãos foi o último da família a ingressar na Empresa, em 2010, e, adivinhem? Também analista de sistemas, foi chamado inicialmente a trabalhar na Embrapa Meio-Norte e hoje Renato Molina está no Núcleo de Tecnologia da Informação (NTI) da **Embrapa Agroenergia**.

A história dessa família se mistura à história da própria Empresa. “Desde pequeno, a gente vinha para a Embrapa e sempre achava a Empresa legal. Não esqueço de vários fatos, como os shows do Almir Sater (Exposição Ciência para a Vida de 1998, 2000 e 2002)”, relata Alexandre, que avalia ter sido na verdade uma grande coincidência a família inteira trabalhar na Embrapa.

Renato concorda com a tese do irmão e diz que não houve uma influência direta dos pais para que os filhos fizessem os concursos da Empresa. “Nunca me pediram para vir trabalhar aqui. Fiz outros concursos e passei, mas a Embrapa foi a que me ofereceu as melhores condições. Acho que a Embrapa é uma empresa que nos dá oportunidades para crescimento pessoal e profissional e isso pesou em nossas decisões”, conclui.

## Lembranças da Infância

Para Bruno Imbroisi, parte de sua lembrança de infância remete ao tempo em que diariamente saía da escola e ia para o edifício Venâncio 2000, no centro de Brasília, onde funcionou a Sede da Embrapa. Esse era o local de trabalho de sua mãe, Ana Amélia, que atuava com capacitações e avaliação de pessoal no antigo Departamento de Recursos Humanos (DRH). “Lembro com muito carinho desse período e do acolhimento por parte das colegas de departamento de minha mãe”, rememora. Mas o destino o levou para o Norte do País e foi lá que prestou concurso e foi contratado pela Embrapa Acre, em 2010. “A Embrapa, por valorizar muito a sua marca e o trabalho de Comunicação, era uma das poucas empresas a oferecer vagas para programador visual. Com a oportunidade, não tive dúvidas e fiquei feliz em vir trabalhar aqui”, explica Bruno, que há 11 meses voltou para Brasília e atua como designer na **Secretaria de Comunicação** (Secom).



Arquivo Pessoal



Rebeca, Amélio e Vanessa Dall'Agnol

## Orgulho de ser embrapiano passado de pai para filhas

O pesquisador da Embrapa Soja Amélio Dall'Agnol, 73 anos, fez parte do grupo que instituiu a **Embrapa Soja** (PR), Unidade criada em 1975 em Londrina. Pioneiro, desenvolveu atividades de pesquisa em melhoramento genético, ocupou diversos cargos de gestão na Sede da Empresa, em Brasília, na Embrapa Florestas (PR) e na Embrapa Mandioca e Fruticultura (BA). Atualmente compõe a equipe de Transferência de Tecnologias da Embrapa Soja. Seu orgulho pela Embrapa não é segredo para ninguém e isso influenciou, de forma positiva, seus cinco filhos. Rebeca Dall'Agnol, por exemplo, é bióloga com mestrado e doutorado realizados na Embrapa Soja e atualmente está cursando o pós-doutorado em biotecnologia do solo, sob orientação da pesquisadora Mariangela Hungria.

A designer Vanessa Dall'Agnol não seguiu os passos do pai e da irmã na área científica. Mesmo assim, tem sua trajetória profissional ligada à Empresa. Iniciou a carreira na Embrapa Amazônia Oriental (PA) em 2007, e atualmente está no Núcleo de Comunicação Organizacional da Embrapa Soja. Vanessa conta que cresceu vendo o pai e seus colegas cientistas se dedicando para que a Embrapa gerasse resultados para o homem do campo. "Meu pai sempre gostou muito de trabalhar na Embrapa, mas nunca pensei que trabalharia com ele numa empresa pública de pesquisa agropecuária, dada a minha área de graduação", conta. "Quando abriu uma vaga para Programação e Identidade Visual na Embrapa, fui prestar o concurso com a certeza de que era uma boa empresa", diz. ♦ Colaboração: *Lebna Landgr*

## Nascido na Embrapa

A história do pesquisador Marcos Borba está intimamente ligada à Embrapa Pecuária Sul (RS). Borba nasceu em 1963 e passou a infância na Fazenda Cinco Cruzes, que na época funcionava como uma estação experimental do Ministério da Agricultura e que, a partir de 1975, foi transformada em uma das Unidades Descentralizadas da Embrapa. Durante as décadas de 1950 e 1960, seu pai, o veterinário Éber Borba, trabalhou nessa instituição. Depois de cinco anos atuando fora da cidade, em 1975, Éber Borba foi um dos pesquisadores convidados para fazer parte do quadro da nova Unidade. Vieram de mala e cuia, novamente, morar na Embrapa, onde o Borba pai atuava em pesquisa e também conduzia parte da gestão administrativa do centro, coordenando pessoal de apoio e máquinas.

O exemplo do pai foi marcante para suas escolhas profissionais. Em 1989, o veterinário Marcos Borba ingressou na Empresa, mediante concurso nacional, sendo admitido na mesma Unidade em que "ele se criou". No início, atuou nas áreas de parasitologia, sanidade e produção animal, com foco em ovinos. "Acabei me envolvendo com o tema do desenvolvimento, a perspectiva da agroecologia, desenvolvimento sustentável com o qual eu trabalho até hoje", conta. "Sem dúvida, não só trabalhar na Embrapa, mas também cursar veterinária e o gosto pela produção animal e não pela parte clínica, tudo isso tem a influência do meu pai". ♦ Colaboração: *Manuela Bergamim*



Patricia Infantini



## Ambiente de trabalho remete à memória afetiva

O emprego na **Embrapa Tabuleiros Costeiros** (SE) começou em 2008, mas a convivência e o contato com pessoas da Embrapa sempre existiram. “Morava a 200 metros da Unidade e, pelo fato dos meus pais serem empregados, o ambiente era muito familiar. Toda sexta-feira, nosso lazer era na Associação dos Empregados da Embrapa (AEE). Quando comecei a trabalhar aqui, era como se eu já tivesse uma bagagem. Ainda hoje, as salas e todo o espaço me remetem à convivência saudável e feliz daqueles tempos”, diz a chefe-adjunta de Administração, Aline Moura. Nesses oito anos de Embrapa, Aline se sente privilegiada de trabalhar com o pai, o analista João Quintino. Já a mãe, Ester, se aposentou em 2007.

Formada em Arquitetura, Aline con-

ta que o trabalho na Embrapa nunca tinha sido uma meta, mas acha que foi uma ótima decisão. Por coincidência, ou não, ela teve a oportunidade de desenvolver as mesmas funções dos pais. “No início exerci atividades no setor de editoração, o que a minha mãe fez por muitos anos, e hoje estou na administração, no cargo em que meu pai esteve por duas vezes. É muito gratificante estar aqui e poder dar a minha contribuição”, diz a colega. Apesar de todo esse envolvimento, a alternativa para manter a posição de cada um é não falar muito de trabalho. “Ela está seguindo muito bem o seu caminho. Sinto muito orgulho, mas com aquela pontinha de preocupação porque antes de colegas somos pai e filha”, lembra Quintino. ♡

*Colaboração: Gislene Alencar*



# Doando vida

▾ GABRIEL FARIA

**C**erca de 30 pessoas entre empregados, colaboradores e terceirizados da Embrapa Agrossilvipastoril aderiram à campanha de cadastro para doação voluntária de medula óssea, realizada em Sinop, MT, numa iniciativa da faculdade Fasipe, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde e o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no início do mês de dezembro.

Inicialmente o Setor de Gestão de Pessoas promoveu uma palestra sobre o tema na Unidade para tirar as dúvidas dos participantes sobre os procedimentos. No dia da coleta, a Unidade disponibilizou um ônibus para levar os empregados e os colaboradores até a faculdade.

No local, antes da coleta, os doadores receberam uma rápida orientação sobre o funcionamento do Registro Nacional de Doadores de Medula (Redome), fizeram o cadastramento on-line e coletaram uma amostra de sangue para análise.

Uma das motivações de adesão ao

cadastro foi a campanha realizada nacionalmente na Empresa, em novembro último, com o objetivo de aumentar as chances de encontrar um doador para o colega **Maicon Mendes, do Setor de Patrimônio e Suprimentos da Embrapa Florestas**, diagnosticado com Leucemia Linfóide Aguda (LLA). Nenhum familiar de Maicon possui compatibilidade tecidual com o analista (veja box) e no momento ele está se submetendo a sessões de quimioterapia, até que encontre um doador compatível.



De acordo com o pesquisador Daniel Ituassú, o procedimento feito durante o cadastramento é tranquilo e não há o que temer. Ele também conta que já tinha vontade de se cadastrar, mas na cidade onde morava anteriormente não era feita a coleta regular do material, assim como em Sinop.

“Achei bacana a iniciativa da Embrapa, não apenas pelo ato da do-

## O que é compatibilidade?

*Para realizar um transplante de medula é necessário que haja compatibilidade tecidual entre doador e receptor. Caso contrário, a medula será rejeitada. Essa compatibilidade tecidual é determinada por um conjunto de genes localizados no cromossomo 6. A combinação de genes do doador e do paciente deve ser idêntica (100%) ou muito próxima do ideal (90%). A análise é realizada em testes laboratoriais específicos, a partir das amostras de sangue do doador e receptor, chamados de exames de histocompatibilidade (HLA).*

ação, mas também pela informação que foi repassada sobre o assunto”, disse a responsável pelo serviço terceirizado da limpeza, Camila Pandolfo.

## Transplante de medula óssea

De acordo com o site do Redome, o transplante de medula óssea é uma modalidade de tratamento indicada para doenças relacionadas com a fabricação de células do sangue e com deficiências no sistema imunológico. A maior dificuldade desse tipo de tratamento é encontrar um doador compatível, uma vez que a chance de compatibilidade é em média de uma pessoa a cada 100 mil. **Colaboração: Simone Casagrande**



# IrrigaWeb

## Aprendendo um novo negócio em EAD

◆ JUREMA CAMPOS

**M**ais de 1.500 pessoas já foram capacitadas em uso e manejo de irrigação pela plataforma de Ensino a Distância (EAD) IrrigaWeb desde 2015. A iniciativa partiu dos pesquisadores Frederico Durães, gerente-geral da Embrapa Produtos e Mercado, e Paulo Emílio Albuquerque, da Embrapa Milho e Sorgo, e foi estruturada a partir de uma capacitação sobre agricultura irrigada que era realizada presencialmente na Embrapa Milho e Sorgo na década de 1980.

A pesquisadora da Embrapa Produtos e Mercado, Sara Rios (foto abaixo), coordenadora executiva do IrrigaWeb, acredita que esse é um dos serviços importantes que a Embrapa presta para agricultores, técnicos ou empresários, enfim, todos os interessados em promover uma agricultura irrigada eficiente. Ela informou que, até o momento, nas três edições do IrrigaWeb realizadas nos anos de 2015 e 2016, a página da capacitação ([embrapa.br/ead](http://embrapa.br/ead)) já teve mais de 50.000 diferentes acessos de 95 países. “Pelo número de interessados, deveremos capacitar muito mais, não somente nesta área de agricultura irrigada, como também em outros temas estratégicos para o País, inclusive pautas importantes de políticas públicas nacionais”, afirma.



◆ Jurema Campos

Em pouco tempo, muita coisa teve que ser aprendida pela equipe técnica e de apoio do curso. Isso porque, para o primeiro curso sob a gestão conjunta das Unidades, no segundo semestre de 2015, os instrutores, bem como os profissionais de TI, de administração e de comunicação, tiveram apenas cerca de dois meses para trabalharem as ferramentas de informática e o conteúdo com o fim de colocar o curso no formato de EAD de forma satisfatória para os in-



◆ Ilustração: Tatiana Palisic

teressados, e ainda realizar a divulgação e promoção para o público-alvo da capacitação.

Como o conteúdo do curso é muito denso (200 horas de capacitação), era preciso, ainda, realizar uma seleção dos participantes, para o melhor aproveitamento possível do ensino. Segundo Breno Assunção, profissional de TI da Embrapa Produtos e Mercado, esse início foi “tenso”, pois a equipe interna não tinha o domínio da ferramenta, nem a experiência em EAD. “Além disso, não tínhamos ideia da aceitação da capacitação que foi oferecida e, portanto, do número de participantes”, comenta.

Naquela edição, 406 pessoas se inscreveram, e foram selecionados 92 participantes. Já na primeira edição de 2016, a capacitação teve um aumento no número de inscritos: um salto para 9.363, o que resultou na seleção e matrícula de 584 pessoas. Esse

grande número de inscrições foi uma surpresa até para Frederico Durães, que esperava no máximo cinco mil inscrições. Ele credita isso às estratégias de divulgação adotadas e ao fato de o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento ter assumido, naquela edição, os custos das inscrições da capacitação.

Para a pesquisadora, a maior dificuldade no início do projeto foi o curto prazo para o atendimento da demanda, aliado à pouca experiência de toda a equipe no processo de inserção e gestão de capacitação em EAD dentro da plataforma livre Moodle. “A própria inserção de conteúdos pedagógicos e as configurações na plataforma eram realizadas em poucos dias, de forma que os diversos módulos fossem ofertados aos capacitandos no momento certo e sem interrupções”, conforme Rios.

A promoção da capacitação também teve de ser estruturada de forma a buscar os perfis de pessoas habilitadas a realizá-la, já que o conteúdo é de grande profundidade e deve ser conduzido por profissionais que lidam diretamente com projetos de irrigação na agricultura. Para isso, as equipes de comunicação da Embrapa Produtos e Mercado e da Embrapa Milho e Sorgo buscaram diversas formas de divulgação tanto na mídia quanto diretamente para o público-alvo.

Hoje, a equipe do IrrigaWeb, após as adaptações iniciais, trabalha na melhoria do curso, tanto em aspectos de segmentação de conteúdo quanto na sua forma de apresentação. O foco é aumentar a qualidade técnica, didática e mercadológica, consequentemente aumentando seu impacto na formação dos inscritos e, por conseguinte, na eficiência de uso da água na agricultura brasileira.

A cada edição do IrrigaWeb são realizadas análises de inteligência que dão suporte às ações de melhoria e a novos projetos derivados da capacita-

## Alunos selecionados para o IrrigaWeb por Bacia Hidrográfica 2015 e 2016



ção. A automatização do recebimento de informações contribui para a eficiência do processo. É possível realizar pesquisas de forma instantânea sobre o perfil dos inscritos, além das análises descritivas detalhadas antes, durante e depois da oferta do curso. Todas essas informações são usadas para o mapeamento de agricultores irrigantes, que uma vez plotadas em gráficos técnicos específicos, podem auxiliar, por exemplo, nas políticas públicas de aumento da eficiência da agricultura irrigada e da área irrigável no País.

### Novos negócios

O IrrigaWeb é um dos novos negócios da Embrapa Produtos e Mercado, Unidade que iniciou sua atuação em 1975 como Serviço de Produção de Sementes Básicas e hoje, aos 41 anos de existência, busca atender o mercado com os ativos que a Embrapa desenvolve e que podem ser disponibilizados nas

formas de produtos, processos, serviços ou tecnologias.

Durães cita como exemplo as mais de 800 ações de desenvolvimento de produtos e mercado realizadas pela Unidade em 2016, envolvendo 28 Unidades e 334 produtos. Outro exemplo é o aumento e a diversificação dos contratos internacionais. Hoje, diversos países já recebem cultivares da Embrapa de maracujá, uva, tomate, abóbora, milho, cenoura, amora, entre outras.

Rafael Vivian, gerente-adjunto de mercado da Unidade, explicou que os negócios de hoje são mais complexos e citou como exemplo o ILPF, que carrega consigo diversas tecnologias associadas e engloba vários produtos. “Os novos mercados trazem para a Embrapa uma pressão muito grande, pois envolvem, além da complexidade do próprio mercado – que tem por meta a lucratividade –, questões de sustentabilidade”, finaliza. 🌱



# PAB completa 50 anos

✦ MARIA CLARA GUARALDO E MARIA LUIZA BROCHADO

**C**inquenta anos. Esse é o tempo que marca a trajetória da revista Pesquisa Agropecuária Brasileira, a PAB, hoje coordenada pela Embrapa Informação Tecnológica. São 51 volumes, mais de 460 números, uma equipe especializada com pesquisadores, analistas e técnicos da Empresa dedicada integralmente à dinâmica de análise de artigos, revisão por pares, edição e publicação do periódico. Um trabalho detalhado que conta com a contribuição de um conselho editorial formado por especialistas de universidades e de instituições de pesquisa.

Foram muitas conquistas e histórias para contar nessas cinco décadas. Uma revista que nasceu em 1966, no Rio de Janeiro – antes mesmo da criação da Embrapa –, para ser um veículo de divulgação de artigos técnico-científicos produzidos pelo antigo Departamento Nacional de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias, do Ministério da Agricultura e que, a partir de 1977, passa a ser editada pela Embrapa, em Brasília.

Nesses 50 anos, contou com cinco

editores-chefes. O médico-veterinário Jürgen Döbereiner – primeiro editor e responsável por estruturá-la, ainda no Rio de Janeiro. Com a transferência da revista para Brasília, assumiu como editor-chefe Luiz Carlos Cruz Riascos, empregado da Embrapa que permaneceu nesse cargo durante 1977 e depois de 1980 a 1995. Raul Colvara Rosinha foi o terceiro editor, por dois anos (1978/1980), e Allert Rosa Suhet, engenheiro-agrônomo e pesquisador, aposentado desde 2009, esteve à frente da PAB de 1995 a 2009.

Atual coordenador de periódicos da Embrapa Informação Tecnológica, Emilson França de Queiroz é o editor-chefe da revista desde 2009. Para ele, é impressionante constatar a visão de futuro que os criadores da revista tiveram há 50 anos. "E essa visão, que está não somente na PAB, mas em toda a pesquisa agropecuária, deu origem à competitividade e à sustentabilidade da nossa agropecuária. Isso é expresso pelo conteúdo que temos na revista e em outros periódicos de igual expressão", ressalta.

Jürgen Döbereiner, aos 94 anos, acredita que o grande desafio da re-

vista é contribuir também para o fortalecimento de outros periódicos científicos brasileiros e seguir o modelo da internacionalização, que tem como uma de suas características produzir estudos e artigos a partir de grandes temas geradores. Para Allert Suhet, uma das vantagens da PAB é ser uma revista aberta, que recebe artigos de universidades, institutos de pesquisa e de colaboradores do exterior. Ele destaca que um dos desafios para os próximos anos é acompanhar o desenvolvimento da pesquisa para o avanço de tecnologias e o aumento da produtividade nas diversas áreas, vegetal e animal. "E sob esse olhar, trabalhar no sentido de publicar artigos que contribuam nessa direção", ressalta. "Também acho que a revista deve incluir uma estratégia para atrair os melhores artigos, o que facilitará sua penetração não só no Brasil como também no exterior", complementa.

O periódico está hoje entre as cinco revistas mais conceituadas da área de Ciências Agrárias, além de ser uma das quatro com periodicidade mensal em toda a base de dados da Scielo. 🌱

# Lugar que ensina e dá frutos

◆ CRISTINA SANTOS

**A**s 113 árvores de 40 espécies frutíferas plantadas a 60 metros da sede da Embrapa Agrossilvipastoril começaram a produzir frutos e se tornaram uma opção de lazer para as famílias embrapianas. O local conhecido como o pomar dos empregados foi implantado em outubro de 2010 e ajuda a ensinar as crianças sobre frutíferas, oferecendo opções de *a a u*, ou de abiu a uvaia.

A maioria das árvores ainda precisará de um tempo maior para produzir, mas, em uma visita ao local, já é possível colher frutas como amora, pitanga, bacupari, acerola, caju e goiaba. Fabiana Rezende tem trocado o cafezinho por uma caminhada até o pomar. Em uma das visitas, levou o filho João, de cinco anos, que descobriu a amora. “Ele não queria experimentar. Experimentou e adorou. Foi a primeira vez que ele foi e depois contou para todo mundo. Disse que

era para a gente voltar com o papai”, conta a pesquisadora, que enxergou uma oportunidade de explicar ao filho que a fruta não nasce no supermercado.

Assim como Fabiana, outros usuários se dedicam a ensinar embaixo de uma das frutíferas. Anderson Ferreira esteve em um fim de semana com Benjamin, de um ano, e a esposa, Fátima Rampelotti, no Sítio Tecnológico, onde está o pomar. Orientou o filho a comer somente as frutas maduras. Como toda criança curiosa, Benjamin levou à boca uma verde e não gostou. Aprendeu também a comer pitanga sem engolir o caroço. São lições que se aprendem na prática e que despertam nos pais o senso coletivo.

“A experiência é indescritível. Eles ficam fascinados. Sugeri aos colegas que têm crianças a irem lá. Plantei um pé de pinha (fruta-de-conde) pensando no social. Assim várias pessoas podem aproveitar”, completa Anderson, que tem frequentado o lugar para fazer um “lanchinho”.

Desde que o pomar foi instalado, foram organizados três eventos para novos plantios por parte dos empregados. O último deles foi em um dia de campo interno, em 2013. De acordo com o engenheiro florestal e coordenador do plantio, Diego Antonio, a proposta é diversificar. A primeira lista de árvores foi sugerida e cada pessoa adquiriu a muda. A campanha terá continuidade porque ainda há espaço, há empregados que não plantaram e algumas espécies ainda não foram inseridas no espaço.

“Já temos demanda e já pensamos em expandir. Temos poucos citros, não temos romã nem algumas nativas, como o araçá”, informa Diego. Além da degustação das frutas no local, na parte da tarde, algumas são colhidas para a preparação de sucos para consumo dos próprios empregados, nos centros de convivência da Unidade.

## Manutenção

A equipe do setor de Transferência de Tecnologia é a responsável pelo manejo, nutrição, capina e irrigação dessas plantas. “É preciso saber podar. Há época certa e manejo adequado. Também podemos ter informações sobre o comportamento das plantas, formação de copas, biologia floral. É possível visualizar e tirar muita informação dali”, completa Diego Antonio. 🌱

Almir Martins Bitencourt com as filhas Lidia (regador vermelho) e Jeisiane Garcia Martins (regador azul)



# Conhecimento, emoção e gostosura



✦ EUGENIA RIBEIRO

**P**arte das comemorações de final de ano da Embrapa Meio-Norte foi dedicada aos filhos de empregados da Unidade. No dia 5 de dezembro, foi realizada uma edição do Programa Embrapa & Escola exclusivamente para os familiares dos empregados. Dois dias depois, a programação culminou com o concurso de culinária Mestre-Cuca Júnior, no dia 7 de dezembro.

Doze crianças e adolescentes, filhos e netos de empregados, participaram da edição especial do Embrapa & Escola. A importância da abelha para a alimentação e para a conservação da biodiversidade e os inúmeros usos de produtos advindos da apicultura, como mel, pólen e cera, foram apresentados aos participantes.

Em alusão ao jogo Pokemon Go, foi desenvolvida uma atividade de campo pra lá de divertida. Chamada de Bee Go, as crianças e adolescentes, alguns acompanhados pelos pais, foram divididos em grupos e receberam a missão de explorar a área interna e "capturar" (no termo do jogo) colmeias naturais de abelhas. Em seguida, visitaram laboratório, onde viram tipos de abelhas, de méis e provaram pólen. Na parte final do evento, visitaram o meliponário, degustaram mel de abelha

e, aqueles que se inscreveram para o concurso Mestre-Cuca Júnior, receberam o "ingrediente secreto" para o preparo do prato.

Mestre-Cuca Júnior – O dia 7 foi o grande dia para os participantes do concurso culinário. Após a missa e o culto celebrados no auditório, os nove inscritos apresentaram os pratos feitos com capricho, com a colaboração dos pais. Bolos, biscoitos, chocomel, cupcakes, brigadeiros, todos feitos com o "ingrediente secreto" mel de abelha, foram degustados pelos três jurados, que avaliaram critérios como apresentação, criatividade e sabor.

O vencedor foi Rafael, filho de Izabel Veras, que disse ter ficado impressionada com a empolgação do filho em participar do concurso. "Nunca o vi se empenhar tanto em fazer algo assim. Ele escolheu uma receita que ele gostava, que são os cupcakes vermelhos de chocolate, e adorou escolher os ingredientes, preparar e colocar nas forminhas. Foi uma experiência maravilhosa", comentou Izabel, que é bolsista de doutorado do Programa de Melhoramento Genético de Feijão-Caupi.

Cada inscrito recebeu um certificado de participação, e os três primeiros lugares receberam acessórios para uso culinário. 🐝



Magda Cruciol

"Foi muito interessante a experiência de ter conhecido o meliponário, principalmente por ter sido orientado por pesquisadores da área. Além de ter sido muito legal visitar o ambiente de trabalho do papai"

Emiliano Dias Sarmanho da Costa e Lima, 13 anos, filho do pesquisador Paulo Sarmanho da Costa e Lima



Rafael foi o vencedor do Mestre-Cuca Júnior

Eugênia Ribeiro